



LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO II

Nº 9

MAIO/JUNHO-1993

EDITORIAL

O presente número tem uma motivação especial e que se dedica inteiramente a prestação de uma homenagem mais que válida.

Ao longo dos 75 anos de sua existência, a Academia Amazonense de Letras recebeu e tem recebido apoio integral de quatro governantes do Estado e que se dispuseram, e efetivaram grandes obras na estrutura física da Casa de Adriano Jorge e Péricles de Moraes e eles foram: Leopoldo Neves, Plínio Coelho e Paulo Nery. Todos eles se dispuseram a colaborar com eficácia para a concretização dos projetos de melhores instalações da sede social.

Mas, acima de tudo e de todos, a magnífica atuação do Governador Gilberto Mestrinho veio corresponder com plenitude às nossas aspirações, agasalhando todos os pleitos que lhe foram formulados, não só no plano físico como e muito especialmente na parte cultural, ensejando a cobertura completa dessas "Letras" e da Revista da Academia, atividades ambas que se propõem, e têm cumprido, a desenvolver e fazendo frutificar sua missão. A reforma abrangeu não somente os aspectos básicos do prédio, como também a modernização do sistema elétrico e de refrigeração e a construção da residência da funcionária incumbida da sua manutenção:

Portanto, homenagear neste número especial a quem tanto tem feito em prol da Academia, que em sua essência é a soma das projeções culturais de nossa terra e de nossa gente, mais que uma homenagem é um pleito de gratidão com o reconhecimento da entidade a quem tanto tem feito pelo alevantamento da inteligência e da cultura amazonense.

OYAMA ITUASSÚ

ULYSSES

O EMBAIXADOR FRATERNAL

João Chrysostomo de Oliveira

Ausência amarga e insuportável. Nunca esperava esta partida tão cedo, pois o seu pai, mestre Angello, foi ao centenário e a vida preciosa de Ulysses eu a sentia que ia alongar-se bastante, com sua bondade, a sua diplomacia e serviço do Amazonas, no Rio, e o seu fraternalismo que multiplicaram a sua falta e nossa saudade.

Ulysses Uchoa Bittencourt, filho do venerando Mestre Angello Bittencourt e da admirada professora Zulmira Uchoa Bittencourt, adquiriu respeitável formação cultural em Manaus até o segundo grau no "Colégio Estadual", deslocando-se para o Rio de Janeiro, onde se diplomou como Médico Veterinário, carreira que não exerceu por ter optado pela atividade fazendária da Prefeitura do Rio, como Fiscal de Rendas, cargo que lhe deu segura estabilidade econômica. Casou-se com Fernanda de Araújo Lima, funcionária categorizada do Banco do Brasil, hoje aposentada, e filha do afamado escritor Benjamin Lima, fundador da Academia Amazonense de Letras, união que lhes proporcionou três filhos - Ana Amélia, Flávio e Zulmira.

E assim o nobre amazonense radicou-se definitivamente no Rio de Janeiro, onde exercia com entusiasmo e dedicação o papel de lídimo embaixador aos seus coestaduanos, tendo lugar de relevo na alta sociedade e na Maçonaria.

Fui beneficiário do seu alto prestígio no campo editorial. Indo ao Rio pleitear a publicação do meu livro "A Crase é Fácil", ele alcançou a grande vitória de um contrato sem ônus para o editado a não ser o da responsabilidade da circulação, com a Editora Bruno Buccini do seu amigo do mesmo

nome, em uma tarde alegre sob o testemunho do meu inesquecível amigo Professor Themístocles Gadelha, conseguindo posteriormente a 2ª edição do "Vocabulário de Ruy Barbosa", de João Leda com os meus comentários e apresentação, além da 2ª edição do primeiro livro citado com repercussão desvanecedora. Bruno Buccini tornou-se, graças a Ulysses, o meu editor amigo que planejou lançar todos os meus livros, plano frustrado por sua morte em desastre automobilístico.

Ulysses seguiu a trilha do pai em pesquisas históricas, publicando um primoroso livro de levantamentos históricos e reminiscências comovedoras, livro que me foi oferecido carinhosamente. Recebemo-lo com muito carinho literário e admirativo na Academia Amazonense de Letras.

Com os seus irmãos, promoveu a reedição do valiosíssimo "Dicionário Amazonense de Biografias" de Agnello Bittencourt, o mais autorizado repositório biográfico de nossa vida histórico-literária. Foi colaborador assíduo de "A CRÍTICA", com seus primorosos artigos.

A saudade que Ulysses nos deixa só pode ser abafada pela convicção de que sua vida e obra serão sempre uma escada de bons feitos para sua descendência e consaguíneos na bela jornada que a bondade de Deus nos concede sob lema da sua eternidade - "E a vida continua".

É este consolo que transmito emocionado, com solidariedade na dor, à Fernanda, a amada esposa, à Ana Amélia, à Zulmirinha e ao Flávio, seus queridos filhos, ao Agnello, ao Benjamim, à Vivaldina e à Clementina, seus fiéis irmãos.



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918
ACADEMIA AMAZONENSE DE
LETRAS

DIRETORIA

Presidente

Oyama César Ituassú da Silva

1º Vice-Presidente

João Chrysostomo de Oliveira

2º Vice-Presidente

Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário Geral:

Octávio Hamilton Botelho Mourão

Secretário Adjunto:

Manoel Bastos Lira

Tesoureiro:

Ruy Alberto Costa Lins

Bibliotecário

Max Carpentier

EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um informativo bimensal da Academia Amazonense de Letras.

Diretor: Oyama César Ituassú da Silva

Secretária Executiva:

Rosângela Oliveira

Revisor: José Ribamar do Nascimento Araújo

Impressão: Gráfica da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas.

Endereço: Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefone: (092) 234-0584
CEP: 69.025-010
Manaus - Amazonas - Brasil

Governador Gilberto Mestrinho é homenageado pela Academia Amazonense de Letras

No dia 06 de maio de ano em curso, realizou-se a sessão soleníssima de homenagem da Academia Amazonense de Letras ao Governador Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo, por ocasião da reinauguração da sede da entidade, decorrente das obras efetivadas sob seu patrocínio.

À sessão, compareceram os acadêmicos João Chrysostomo de Oliveira, Octávio Hamilton Botelho Mourão, Max Carpentier, Ruy Alberto Costa Lins, Aderson Dutra, Padre Raimundo Nonato Pinheiro, Paulo Herban Maciel Jacob, Elson Farias, Thiago de Melo, Robério dos Santos Pereira Braga, José dos Santos Pereira Braga, Manoel Bastos Lira e José Bernardo Cabral além do Presidente Oyama César Ituassú da Silva. Além deles, o Presidente da Assembléia Legislativa do Estado, deputado Manuel do Carmo Chaves Neto, o Presidente do Tribunal de Justiça desembargador Alcemir Pessoa Figliuolo, o Vice-Presidente do mesmo Poder desembargador Roberto Hermidas Aragão, o representante do Prefeito Municipal, o Secretário de Cultura, Cleber Sid, Gama Sanchez, e inúmeras autoridades e convidados.



Sede da Academia Amazonense de Letras, cujo prédio foi totalmente recuperado pelo Governo do Estado do Amazonas.

A solenidade teve início às 20 horas, tendo sido recebido o Governador Gilberto Mestrinho com as honras devidas, conduzido no recinto por comissão composta dos acadêmicos José Braga e Paulo Jacob. A seguir falou o Presidente Oyama César Ituassú, dizendo dos motivos da homenagem e destacando os relevantes serviços prestados pelo homenageado, dizendo ao final que o reconhecimento pleno se-

ria feito através de palavras do acadêmico Robério Braga. Este proferiu eloqüente discurso e ao final o Governador Mestrinho agradeceu, ressaltando que a homenagem não lhe pertencia em si, mas a todo o Amazonas, pois tudo a quem tem feito tem sido sempre com os olhos voltados para o engrandecimento de nossa terra, sendo bastante aplaudido.



O Governador Gilberto Mestrinho ladeado pelos acadêmicos Oyama Ituassú, João Chrysostomo e Ruy Lins, membros da Diretoria da Academia Amazonense de Letras.



O Acadêmico Robério Braga quando fazia o seu discurso de saudação e homenagem ao Governador Gilberto Mestrinho.



O Governador Gilberto Mestrinho no momento em que agradecia a homenagem da Academia Amazonense de Letras.

A FALA DO PRESIDENTE OYAMA ITUASSÚ

Em 6 de Maio de 1993

Os tempos passam, as idades transcorrem e no final tudo congemma no mesmo sentido etário. O que sucedeu ontem, o que aconteceu há décadas atrás, tudo se funde na realização de uma tarefa.

Vale recordar que, quando da inauguração do prédio desta Academia, o Presidente Adriano Jorge, ao receber a doação do edifício em sessão solene ocorrida há quase sessenta anos atrás, no dia 6 de janeiro de 1935, doação feita no governo do Interventor Nelson de Melo, proferiu oração presidencial que merece transcrita:

“O AMAZONAS, LOCUPLETANDO-SE NAS RESERVAS DE FELICIDADE, QUE AINDA SOBREPAIRA A CONSTRAÍDORA E ANGUSTIADA EXPECTATIVA DOS BRASILEIROS DE HOJE, amplia seu patrimônio de alegria cívica, incorporando em seus destinos históricos esta personalidade singular: NELSON DE MELO, Presidente de Honra desta Casa.

Homem de governo, vibrando no seu dinamismo poliédrico e porisso mesmo capaz de enfrentar tudo com o édrico e

com o garbo sereno dos que se habituaram às influências do magnetismo do triunfo, o último Interventor no Amazonas realizou um programa luminosamente fecundo, dentro do qual couberam as preocupações administrativas gerais, as financeiras, as políticas, as pedagógicas, as higiênicas, as intelectuais, as morais, as estéticas, outros tantos problemas complexos sutis, que a argúcia resoluto do homem de ação, o espírito de justiça do aristocrata mental e a firme bôa vontade do patriota concretizaram no monumento imperecível que foi a sua obra de administrador, animada de uma fulguração de beleza integral”.

O discurso de saudação foi feito pelo acadêmico Leopoldo Peres.

Agora, decorrido mais de um cinquentenário do evento, volta a Academia a refulgiar no cenário da cidade, com a execução das obras realizadas e vale ressaltar que, ao longo de sua existência, três reformas foram feitas sob gestão governamental: Leopoldo Neves em 1950, Plínio Coelho em 1955 e Paulo Nery em 1982, prestigiando o órgão

que, por sua finalidade, deve representar o sumo intelectual amazonense.

Mas, é de justiça ressaltar que as palavras de Adriano Jorge, enobrecendo a figura do Interventor Nelson de Melo, feito então Presidente de Honra da Academia, encontram campo propício no ajustamento à personalidade do Governador Gilberto Mestrinho, que tudo tem feito para prestigiar a entidade em todas as suas solicitações. Administrador, educador, preocupado instantemente com o ensino e com a saúde, tem buscado soluções para os problemas que afligem nosso povo: educação, saúde, alimentação e moradia. E não tem ficado nesse campo sua atividade governamental, pois tem diligenciado na consecução de objetivos culturais que venham a dignificar nosso Estado.

Não me cabe, aqui, tecer os justos preitos que a Academia presta ao eminente Governador, pois melhor que ninguém o acadêmico Robério Braga traduzirá as palavras de elogio e gratidão de que se tornou credor o eminente Governador Gilberto Mestrinho de Medeiros Rapposo.

O Discurso do Acadêmico

Robério Braga

Quando passar, a mocidade, a graça a beleza, já de saber-se da ternura, do zelo, da amizade.

Quando passar o governo, a autoridade, o poder, há de saber-se de suas obras, de seus feitos, de sua conduta.

Ilustrado Acadêmico Oyama César Ituassú da Silva, Presidente da Academia Amazonense de Letras

Doutíssimos Acadêmicos

Autoridades

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Senhor Governador

Vossa presença nesta Casa a ninguém deve surpreender. Este é um clarão que se faz para acatar a benemerência. Cumprimos um dever de honra em homenageá-lo. Sim, por que vós poderíeis caminhar sem as honras da Academia e para seu seio vos trazemos e ainda que gratidão de todos que construímos este cenáculo desde 1918. E o fazemos pelo que a ele tendes podido oferecer para preservá-lo e dar-lhe vigor.

Não vos condecoramos, por que só os soberanos condecoram. A nós, restam os aplausos e as congratulações, o reconhecimento singelo. Ouvi pois pelos nosso aplausos, a eternidade do reconhecimento acadêmico.

Deveis saber, por certo, que esta Casa não é só um cenáculo de consagrações literárias, mas abrigo e fonte renovadora da língua, da tradição, dos costumes, da história, na busca de ser a memória da humanidade, num encadeamento de gerações, de idéias e ideais, revificando os homens que ilustraram o seu tempo e alargando estradas novas como no dizer do poeta - na imensidão do azul em que se põe o saber - para as necessárias renovações e velar pela cultura.

Os que aqui estão, confiam na universidade do pensamento, no amor à terra, na fraternidade, na concórdia, no encanto e na magia do estudo continuado. Aqui, valores que formam o povo de nossa terra, valores a ocuparem reluzentes cadeiras doiradas assentadas pelas glórias do que, no passado, ofereceram contributo exemplar às letras e às ciências.

É uma casa fiel ao passado, a construir no presente em que erguemos taças em cristal puríssimo, o futuro que se faz em nosso tempo a exprimir prestigiosa irradiação de personalidades eminentes, alguns tantos de delicadeza recatada, discretos, outros mais, ruidosos pela juventude dos anos; onde há calor nos debates réplicas e apartes respeitosos, mas sobretudo limpidez de argumentação, em práticas que, antes de tudo devem revelar os dotes pessoais amalhados em tertúlias várias e meditação profunda. Palavras veementes que se transformam em proféticas mas não alarmam, e respondem a uma consciência de caráter social que veste a todos por amor aos livros, pela projeção de íntimas aspirações e desejos silenciosos. Há os que compõem procurando por certo sentir e medir o contorno das frases; como os que deitam sobre o papel, em forte dose de emoção, na manhã que há de vir, as inquietações de agora.

Não há troféus a conferir-vos mas uma fiel memória histórica constrói na noite de hoje, insculpindo no bronze que por si só é eterno, a maternidade do gesto do nosso reconhecimento a exemplo das tradições mais caras da Academia que nos seus 75 anos de existência, galardeou com benemerência igual a somente dois outros vultos eminentes.

Nada há aqui, de mármore, grandioso ou magnífico, teto artozoadado ou doirado. Não há tesouros, nem cálices de prata, ornamentos de damasco e ouro, móveis com gravações de tartaruga e marfim, mas deslumbre, nem minas a descobrir, mas quem nela adentra vive de arrebatamento e fé, e enleva-se. Não há verdades incontestes, nem veículo de propagação dos nossas idéias e o brilho dos nossos escritores.

E de onde vinde vós, senão do poder absoluto em que tendes demonstrado confiar e que se origina do povo.

Que devem ser os governos e seus líderes, para o povo bem amá-lo, senão precursores de auroras boreais, capazes

de falar aos cidadãos pela eloquência dos discursos que empolgam, pela gravidade das decisões que adotem, pela serenidade com que se ponham nos palácios, pela determinação com que enfrentem os camporais, pela habilidade com que manobrem todas as ações para que, fugindo dos ventos, dos clarões falsos e dos faróis de lideranças sem destino, realizem o bem comum, a que todos aspiramos.

Como devem ser os governos, senão alinhados ao direito e a liberdade, a defender a inviolabilidade da vida, a ordem institucional, o trabalho como fonte do bem-estar social e a educação do povo como primordial para a sua trajetória na civilização.

Quando servem ao povo, fora a primeira de poder que ostentam, são por ele reconhecidos, reconduzidos e reconciliados com a história quando atos apartados da vontade popular, descaminham a trajetória construída.

A solenidade com que vos ornamos a benemerência não é para esta Casa falsa missanga que deve agradar, mas pedraria fina cujo valor deve ser estimado por vós. Aqui não se vive sob o signo da confluência e da metamorfose, não se pratica o saber da dissimulação.

Esta casa é o mesmo tempo sagrada e profana, rende-vos pois as suas homenagens. Sagrada, pelos de antanho que aqui realizaram e com suas idéias, suas vidas, suas pregações, suas obras, suas presenças, seus silêncios, fizeram sua magnitude; profana - pela de agora, que em meio às turbulências do nosso tempo, ousam persistir na trajetória inaugurada de há muito, e pelos pecados que temos no valor que a empobrece diante de sua própria vida.

É esta Casa, de tantos e brilhantíssimo oradores, escritores, políticos, e festejados poetas, de cientistas e historiadores que, veste-se em gala, sem pompas, para proclamar estas verdades, e assim o faz para que, quando passar o governo, a autoridade, o poder, possam conhecer de vossas obras, vossos feitos, vossa conduta.

HISTÓRIA FACETA DE MANAUS

Mário Ypiranga Monteiro

O doutor Vicente Torres da Silva Reis corria parelha com aquele Gargântua de Daudet: era um comilão da marca maior. Uma vez por semana saía de manhã para a mercearia A COSMOPOLITA, em ordem a abastecer a despensa vasqueira. Enlatados ou não, era caranguejo do Japão, arenque defumado, sardinhas portuguesas de barrica, salmão, **paté de foie gras**, latinhas minúsculas de legítimo caviar russo, ostras de Ostende, bacalhau de Noruega, e os vinhos capitosos Romariz, champanhotas, Porto, Ferreirinha, saquê legítimo, uma sequela de gulodices caras e belamente digestíveis, de que a redação do JORNAL DO COMÉRCIO nos dias de glória ainda pôde usufruir os restos, o finzinho daqueles prândios das dez horas no gabinete do jornalista. Vicente Reis era um homem que sabia comer e comia do melhor.

Eu entrava para a redação entre uma e duas horas, mas lá já estavam o Baraúna e o Paulinho Gomes a recortar notícias de jornais forâneos para a secção "Os Estados". Era só o que faziam no jornal, além das velhas notícias dos jornais portugueses. À noite o dr. Vicente sempre recebia visitas costumeiras de amigos políticos ou não: dr. Adelino Costa, monsenhor Oliveira da Igreja dos Remédios, dr. Pais Brasil,

coronel José Cardoso Ramalho Júnior, que residia à ilharga, dr. Eugênio Chauvin, coronel Matos Areosa, e eventualmente um ou outro chefe de repartição ou do comando militar, por exemplo tenente-coronel Amílcar Salgado dos Santos e capitão Braz Dias de Aguiar, da marinha e chefe da Comissão de Limites e Demarcações. Havia outros e às vezes o exíguo escritório não comportava meia dúzia de visitantes. As dez da noite era infalível a merenda, com um pouco daquelas iguarias que mastigávamos com prazer. Não raro aquelas visitas traziam frutas e o agenciador e cobrador do jornal não esquecia as belas mangas do seu quintal. Um dia esse cobrador largou na mesa do velho Vicente quatro mangas vermelhas, da espécie conhecida por "manga rosa", sem que ninguém se desse conta do fato. Quando o velho desceu, às quinze horas, começou uma tempestade de gritos assombrosos.

- Seu Baraúna! Venha cá, seu Baraúna! Depressa!

Baraúna largou a tesoura e acudiu ao chamado exigente. Nós escutando o palreio:

- Seu Baraúna! quem largou essas belezas aqui?

- Não sei, doutor, não vi...

- Isto é o diabo, seu Baraúna! Qualquer dia deixam um petardo

disfarçado e vocês não sabem nada! Ou me envenenam, seu Baraúna!

- Envenenar como, doutor?

- Injetando, seu Baraúna! injetando!

- Ora, deixe disso doutor, quem vai envenená-lo? Coma logo suas belezas, ou então dê-mas...

- Pode ir, seu Baraúna...

Na voz de dar o velho encolheu as garras, cúvido e glutão. Não era sem motivo que o jornal do dr. Ageu Ramos costumava chamá-lo de "pidão" e faziam mofinas em versos contra ele.

Mas tudo ficou resolvido quando Gaspar apareceu lá para as seis horas e perguntou ao velho se não havia gostado das mangas.

- Foi você que nas trouxe, homem de Deus?! pois de outra vez deixe um bilhete avisando. Que belezas eu iria renunciar com medo de estarem envenenadas.

- Quem iria dar-se ao trabalho de fazer isso, doutor?

- O vizinho da esquerda, seu Gaspar, o vizinho da esquerda...

O vizinho da esquerda era O Jornal, e no jornal o vingativo Herculano de Castro e Costa, que chamava "Jornal do Açáizal" para JC, por causa da soca de açai existente no terreno do JC, três magros pés de açai que forneciam vinho ao guloso "homem das saias".

Academia Amazonense de Letras elegeu como imortais Áureo Nonato e Antísthenes Pinto

Os escritores Áureo Nonato e Antísthenes Pinto vão ocupar as cadeiras de números 17 e 27, respectivamente, da Academia Amazonense de Letras. Eles foram eleitos por aclamação em solenidade ocorrida na noite de 18 de maio último.

Áureo Nonato ocupará a cadeira de Leôncio Salignac de Souza e Antísthenes Pinto tem como patrono, o escritor e sociólogo alagoano, Tavares Bastos que nasceu em 1836 e morreu em Nice, na França, no ano de 1975.

A recepção dos novos imortais ainda não tem data fixada. Áureo diz que está emocionado com a homenagem, mas não mostra pressa em tomar posse, principalmente por alegar que o eleito tem prazo de seis meses para vestir o fardão.

Já Antísthenes Pinto faz previsão de que sua recepção será no mês de julho, tempo que

acredita preparar seu discurso após pesquisar a vida e a obra de seu patrono, o sociólogo Tavares Bastos.

Áureo Nonato é amazonense de Manaus, nasceu no bairro de São Raimundo. Já publicou os livros "Os Bucheiros", prêmio da Academia Brasileira de Letras; "Porto das Catraias". Ele é autor da canção oficial da cidade de Manaus e "Tarumã" e anuncia que brevemente lançará o livro de crônicas e canções "Pitombas & Biribás". Está em preparo a obra de memórias "Batelão de Ilusões".

O escritor amazonense Antísthenes Pinto é festejado em Manaus por suas obras, como "Os Agachados", uma novela vencedora em 1985, pelo Prêmio Suframa. Essa obra hoje está em terceira edição.

Ao todo, o escritor já completou 18 livros, como os romances "Terra Firme", "Várzea dos Afogados", "A Solidão e os An-

jos", Chavascal"; os livros de crônicas "Os Garis das Alturas" e os ensaios "Literatura: Novos horizontes" e "Oito Poetas Amazonenses", entre outros.

Como jornalista, Antísthenes já trabalhou na redação dos mais importantes jornais brasileiros, como o Jornal do Brasil entre outros. Também participou como crítico e articulista de jornais locais, entre os quais, o Amazonas em Tempo.

Antísthenes Pinto participou dos movimentos intelectuais surgidos em Manaus como o Clube da Madrugada, juntamente com nomes importantes da literatura local ao lado de Jorge Tufic, Aluísio Sampaio, Ernest Penafort, Farias de Carvalho, Fábio Lucena, Moacir de Andrade, Arthur Engrácio, Luís Ruas e Nonato Pinheiro.

*Matéria transcrita do
Jornal Amazonas em Tempo
Edição de 19/maio/1993*



Apoio: GOVERNADOR GILBERTO MESTRINHO